

## **Ser / estar junto juvenil na contemporaneidade: um olhar de Bauman e Maffesoli**

---

### **Ser / estar junto juvenil en la contemporaneidad: punto de vista de Bauman y Maffesoli**

---

#### *Juvenile being / being-together in contemporaneity: standpoint of Bauman and Maffesoli*

---

Nádia Jane de Sousa<sup>1</sup>

Edna Gusmão de Góes Brenand<sup>2</sup>

**Resumo** *Discute a temática juventude e seus agrupamentos, apontando um modo de estar-junto, potencializador de socialidade. Tendo como eixo teórico a sociologia compreensiva de Michel Maffesoli em contraponto com ideias de Zygmunt Bauman, apresenta questões como identidade, sociedade da imagem, estilo e tribalização, como eixos importantes para a compreensão das transformações nas vivências sociais, especialmente entre os jovens, na atualidade.*

**Palavras-chave:** *Juventude. Identidade. Tribalização. Imagem.*

**Resumen** *Discute la temática juventud e sus agrupamientos, indicando un modo de estar juntos, potencializador de socialización. Teniendo como eje teórico la sociología comprensiva de Michel Maffesoli en contrapunto con las ideas de Zygmunt Bauman, presenta cuestiones tales como identidad, sociedad de la imagen, estilo, tribalización, como ejes importantes para la comprensión de las transformaciones en las vivencias sociales, especialmente entre los jóvenes, en la actualidad.*

**Palabras-clave:** *Juventud. Identidad. Tribalización. Imagen.*

<sup>1</sup> Dra. em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e professora do Departamento de Habilitações Pedagógicas do Centro de Educação da UFPB.

<sup>2</sup> Dra. em Sociologia pela Sorbonne, professora do Departamento de Habilitações Pedagógicas do Centro de Educação da UFPB e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPB.

**Abstract** *The study herein discusses the theme of youth and its groups, pointing to a mode of being-together that is a potentiator of sociality. With Michel Maffesoli's comprehensive sociology in contrast with Zygmunt Bauman's ideas as its theoretical axis, it presents issues as identity, image society, style, tribalization, as important axes for understanding the transformations in social experiences, particularly among young people, in the present.*

**Keywords:** *Youth. Identity. Tribalization. Image.*

---

Data de submissão: 13/04/2010

Data de aceite: 05/03/20112

## Introdução

O texto tem como foco trazer ao debate sobre a juventude contribuições teóricas desenvolvidas no Grupo de Pesquisa Cultura Digital e Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGÉ – e da Linha de Pesquisa Gestão de Projetos Educativos e Tecnologias Emergentes do Mestrado Profissional de Gestão em Organizações Aprendentes. A relevância dos estudos sobre a juventude vincula-se ao contexto sócio-histórico contemporâneo onde as organizações sociais são cada vez mais produto das relações de força dentro de cada sociedade e a emergência de formas alternativas de convivência social e formação de identidades.

Os jovens estão cada vez menos sendo vistos somente a partir de suas delimitações biológicas. Fatores como a revolução tecnológica e sua repercussão na organização produtiva e simbólica da sociedade, a oferta e o consumo cultural e o discurso jurídico dão sentido e especificidade ao mundo juvenil, para além dos limites da idade. Ao fazer referências ao jovem na atualidade, não é possível se centrar, portanto, em determinado enfoque analítico, seja ele biológico, social ou psicológico. Como diz Carrano (2003, p. 116), “ser jovem não é apenas uma condição biológica, mas uma maneira prioritária de definição cultural”. Entretanto, em que pesem os diversos “modos de ser jovem”, há indícios de que, em sua extensa maioria, os jovens se aproximam em torno de protótipos. E qual a “marca” da(s) juventude(s) na atualidade?

Tal discussão é fruto de uma pesquisa teórico-conceitual com vistas ao aprofundamento de aportes inovadores que venham subsidiar estudos posteriores sobre a juventude contemporânea. O estudo teve como eixo teórico metodológico a sociologia compreensiva para aproximar o pensamento dos dois autores: Michel Maffesoli e Zygmunt Bauman, que, dentre outras coisas, preconizam que o comportamento juvenil, a partir de suas diversas formas de agrupamento, é indicador do surgimento de um novo *ethos* social. Esses jovens, submersos em uma realidade polimorfa, produto de transformações em todos os âmbitos da vida humana, buscam espaços de manifestações de desejos, e sentidos. Nessa busca,

são forjadas identidades de sujeitos que possuem necessidades, vontades, escolhas, mesmo estas sendo provocadas por uma sociedade que se produz e se reproduz a partir de universos simbólicos plurais.

A constituição do texto centra-se, no primeiro momento, numa breve discussão acerca da temática da juventude, vendo-a como uma categoria social que reflete o seu tempo. Nos tópicos que seguem, questões como tribalização, estilo, identidade, preocupação com o instante são discutidas como elementos indicadores de formas de sociabilidade presentes na sociedade atual.

### **A(s) Juventude(s) em questão**

São diversas as representações acerca do que é ser jovem. Dentre elas, podemos citar as seguintes: juventude como preparação para o futuro; como tempo de fruição, prazer e experimentações (onde os erros são admissíveis); juventude como fase de conflitos, de contestação; busca por uma identidade própria (daí a procura pelos pares como meio de realizar descobertas e experimentações, o que decorre em conflitos familiares e com as instituições socializadoras). Tais concepções, anunciadoras de modelos socialmente construídos do que é o “ser jovem”, se veem refletidas no modo como eles (os jovens) se autodefinem.

De acordo com Áries (1981), Peralva (1997), Abramo (1994) e Dayrell (2005), a juventude, enquanto categoria social, é resultado do desenvolvimento das sociedades modernas e consequência das novas condições sociais geradas pelo processo de evolução científica e tecnológica. É decorrente de mudanças na estrutura familiar, na crise da sociedade do trabalho e de novos processos de escolarização. A juventude, enquanto “condição social”, não pode mais ser entendida apenas através dos critérios biológicos e/ou cronológicos.

Segundo Dayrell (2005), até meados do século XX a juventude europeia vivia uma fase de transição, num processo que tinha como fim estabelecido pela sociedade o ingresso às posições sociais pertencentes

às classes dirigentes. Nesse sentido, a descontinuidade entre o mundo dos jovens e o mundo do adulto implicava um longo tempo de preparação. Dentre os diversos espaços para a elaboração de identidades juvenis, a escola era considerada como um *locus* privilegiado para tal “tarefa”. Esse processo implicava uma segregação do mundo adulto e um adiamento da maturidade social por parte dos jovens (ABRAMO, 1994). Existia uma concepção de tempo linear, onde havia um fim a ser alcançado pelo indivíduo que apresentava determinadas etapas bem definidas socialmente, onde “na infância brincava-se, na juventude preparava-se para o futuro profissional, e na idade adulta trabalhava-se” (DAYREL, 2005, p. 29).

As mudanças tecnológicas, científicas, econômicas e sociais na atualidade têm levado à dissolução da ideia de geração. Os atributos sociais da juventude e os modos de acesso à maturidade se encontram modificados (PERALVA, 1997; SPOSITO, 2000), ou seja, as diferentes etapas atribuídas como “naturais” para entrada no universo adulto se acham “desconectadas”, ocorrendo situações em que atividades consideradas desse universo (como casar e ter filhos, por exemplo) não estão associadas às ações que estariam supostamente atreladas umas às outras de forma linear.

Por que isso tem ocorrido? Para Carrano (2003) uma característica dos atuais processos de sociabilidade é a desconexão dos ciclos da vida das idades biológicas. Isso se dá devido a uma crescente ausência de lugares delimitados de convivência e sociabilidade, tendo em vista o intenso fluxo de informações que oferece desde cedo a crianças e jovens um variado quadro de valores e referências. Trata-se, portanto, da obsolescência de um modelo educativo de socialização. Não somente a família e a escola são instituições que promovem o acesso ao conhecimento necessário ao ingresso nos processos sociais. Essas instituições possuem suas funções, delimitadas pela ordem moderna, e “dividem” com outros canais de acessibilidade o fluxo intenso de informações disponíveis. Emergem, assim, canais mais fluidos e flexíveis, permitindo às crianças e jovens um contato prematuro com realidades de diversas ordens, havendo um aprendizado menos linear entre pessoas de todas as idades.

Desse modo, a juventude vem sendo gradativamente transformada em símbolos e estilos que ultrapassam as definições de idade. Torna-se um modelo cultural (PERALVA, 1997) e não um grupo etário específico. Atitudes e/ou qualidades são atribuídas aos jovens, muitas delas associadas ao consumo e ao lazer. Modos de vestir, lugares frequentados, gostos culturais, formas de expressão, culto ao corpo etc. Esses comportamentos independem da idade ou do “lugar” ocupacional a que se está associado (CARRANO, 2003). A ideia de uma “eterna juventude”, portanto, é associada a um mercado de consumo impulsionado pelos veículos de comunicação que possibilitam o acesso a bens e mensagens das mais variadas. O surgimento de um mercado próprio para o jovem valoriza o prazer e o consumo como fontes de gratificação imediata, gerando novos padrões de comportamento que têm o lazer como referência. A grande circulação de bens simbólicos propõe modas, imagens, marcas que buscam vender muito mais um estilo de vida do que propriamente um produto. Trata-se da espetacularização da vida social, onde a imagem, o olhar e o visual são mediações mais presentes nas relações sociais. É, no dizer de Maffesoli (1995), um “mundo simbólico”, onde se tem o predomínio e a importância dos símbolos imagéticos. Para esse autor, as imagens são diversas, mas entram em correspondência umas com as outras, criando uma unicidade que invade o corpo social. São elas que dinamizam os espaços. Desse modo, o que é visível leva ao invisível, ou seja, os “objetos”, “manifestação da potência da imagem”, não existem por si mesmos, eles possuem uma informação pela imagem, permitindo o “reconhecimento de si a partir do reconhecimento do outro” (MAFFESOLI, 1995, p. 115). Nessa perspectiva, as imagens tornam-se elos de agregação, de fascinação e de comunhão com os outros. São as novas formas de agrupamentos juvenis em torno de estilos, favorecidas pela proliferação de retratos de sociabilidade que se sustentam a partir de emoções compartilhadas. Esses elos remetem a modos de ser diversos, a relacionamentos com os outros e com os mundos a sua volta. São constituintes e constituídos de um dos modos de vivenciar a juventude na atualidade.

## Comunidade ou tribo? Tendências que se revelam

Maffesoli em diversos trabalhos propõe a metáfora das tribos para o entendimento de novas formas de agrupamentos sociais, enquanto tradutora das mudanças ocorridas nas redes de relações grupais. Caracterizadas por uma sensibilidade coletiva que ganha corpo através da emergência do fenômeno da convergência tecnológica, essas formas originais de sociabilidade são forjadas pela possibilidade de criação de redes onde é possível circular através de uma mesma plataforma de telecomunicações textos, imagens e áudio. Através dos diversos dispositivos midiáticos, as redes permitem que tudo que é experimentado em comum é o que liga os indivíduos uns aos outros. Trata-se de um “paradigma estético” que distingue as relações sociais atuais:

é o instrumento que permite compreender toda uma constelação de ações, de sentimentos e de atmosferas específicas do espírito do tempo moderno. Tudo aquilo que tem ligação com o presenteísmo, no sentido de oportunidade, tudo o que remete à banalidade e à força agregativa, ou seja, a crescente valorização do *carpe diem*, encontra na matriz estética um ponto de afinidade e de ancoragem. (MAFFESOLI, 2005, p. 70).

Essa estética social – o vibrar, o sentir e o experimentar em comum – organiza-se em torno de quatro polos, a saber: a prevalência do sensível, a importância do ambiente ou do espaço, a procura do estilo, a valorização do sentimento tribal (MAFFESOLI, 2005). Para o autor, as práticas minúsculas constituem o terreno sob o qual se constrói a sociedade. É a necessidade de pertencer que constitui o laço social, a partilha de emoções e sensações. A existência social está submissa a um “poder” multi-forme, uma potência que reafirma a solidariedade e que favorece a fusão e estabelecimento de uma relação tátil – na massa interagimos, criamos grupos, nos tocamos.

Nessa compulsão para nos amontoarmos (seja física ou virtualmente), própria da época atual, ocorre o seguinte paradoxo: é estabelecido

um vaivém constante entre o processo de massificação crescente da sociedade e o desenvolvimento e a aparição de uma variedade de tribos, caracterizadas pela fluidez, dispersão, importância dada à aparência e forte envolvimento emocional. Maffesoli costuma chamar de neotribalismo, a preocupação com o presente vivido, com a proximidade possibilitada pela vivência nos grupos aderindo-se a eles por “ideologia ou necessidade de proteção” (MAFFESOLI, 2004).

Bauman (1999), em conformidade com o termo “neotribalismo” usado por Maffesoli, caracteriza o mundo atual como um espaço que busca incessantemente a “comunidade”, numa procura frenética por compartilhar tendo em vista a promessa de “abrigo” que a ideia encerra. No livro *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual* (BAUMAN, 2003), discute-se mais profundamente essas questões. Segundo o autor, o termo “comunidade” associa-se a algo bom, à sensação de aconchego e proteção, onde as pessoas podem contar umas com as outras. É um “lugar” de entendimento que “precede” as relações estabelecidas, ou seja, se prescinde de explicações *a priori* para que os acordos sejam feitos ou desfeitos. Nesse sentido, a palavra comunidade aproxima-se do que Maffesoli entende como tribo. Nos remete àquilo de que sentimos falta e que precisamos para viver tranquilos e seguros. Trata-se, portanto, no dizer de Bauman (2003, p. 9) de “um paraíso perdido ou paraíso ainda esperado”, que se choca e ao mesmo tempo se alimenta com a realidade hostil com a qual nos deparamos. Como conviver com a lealdade exigida pela comunidade ao oferecer segurança, proteção e apoio, *pari passu* com a liberdade “ofertada” pela quebra das fronteiras físicas e imaginárias da atualidade?

O entendimento compartilhado da comunidade tem, pois, seu fundamento na homogeneidade e na “mesmidade”, postas à prova ou mesmo extinguindo-se quando a comunicação entre os “de fora” e os “de dentro” se intensifica e passa a determinar as relações entre os membros internos. De natural e tácita, a unidade passa a ser construída em meio a uma infinidade de escolhas e promessas; a vigilância, portanto, é reforçada para impedir a entrada dos “estranhos” e para caçar os “traidores”



no próprio meio. Contudo, as fronteiras não desaparecem, são restabelecidas devido à existência dos mais variados tipos de comunidades (ou tribos, como apregoa Maffesoli), oferecendo o aplainamento das incertezas da vida diária. Como diz Bauman (2003, p. 21), “sem dúvida marchar ombro a ombro ao longo de uma ou duas ruas, montar barricadas na companhia de outros ou roçar os cotovelos em trincheiras lotadas, isso pode fornecer um momento de alívio da solidão”.

Maffesoli, de forma bastante otimista, aposta em um paradigma estético que indica a propensão para vibrarmos e sentirmos em comum, tendo as emoções como vetor social. Bauman, mesmo apresentando uma sociedade medrosa, solitária e insegura, confere às paixões o cimento da união entre os membros das comunidades, ainda que (característica das paixões) estas se apresentem voláteis e vulneráveis às necessidades de seus membros.

O conceito de “comunidade estética” de Bauman se apresenta no “círculo aconchegante da experiência” que Maffesoli vai chamar de “estética do cotidiano”. Esta ideia é alimentada pelo poder do número, de modo que quanto mais pessoas aderem a uma proposta, uma ideia ou ações, há mais aprovação, confiança e tranquilidade na(s) escolha(s) feita(s) (sensações momentâneas ou até que surjam novas opções). São, portanto, comunidades ou tribos de fácil composição ou decomposição, tendo em vista que a decisão para sua filiação é individual, até o momento em que pertencer às mesmas seja sedutor e o desejo de ostentar os símbolos de identificação pertencentes a cada uma delas persista. É assim que Maffesoli aponta para “a experiência do sensível”, imputando à emoção coletiva, ao “sensualismo” o motor das várias relações que constituem a sociedade, posto que favorecem a interação, o contato com o outro. Busca-se a todo tempo o prazer de estar junto, trabalha-se para ampliar o tempo livre, a não ação. O prazer, segundo o autor, torna-se cultura. Nessa perspectiva, as “banalidades”(o festivo, o coletivo) constituem a base da construção da realidade; a vida cotidiana é o que fundamenta as maneiras de ser. Aqui o político, o econômico e o religioso não são contestados, mas se

situam “às margens” dos grupos; é o prazer dos sentidos, os detalhes da vida social, as coisas sem qualidades que fazem perdurar sejam as tribos, sejam as comunidades estéticas.

Embora Maffesoli seja criticado por Magnani (2005) e Canevacci, (2005) ao usar a metáfora da “tribo” em razão de, em seu sentido original, o termo designar algo fixo e ordenado, com permanências e regularidades, ao contrário da fragmentação e do nomadismo que apreçoam, as tribos, para este autor, não são uniformes; são diferenciadas e possuem suas preferências e estilos, mesmo que constituam um todo orgânico tendendo a assegurar a solidez do conjunto. É um dinamismo cultural e individual que se apoia na tensão entre elementos heterogêneos. Ao invés de unidade, Maffesoli (1998a) fala em “unicidade”, que trataria da junção de elementos diversos tendo a multiplicidade como princípio vital.

Outro encontro entre Bauman (2003) e Maffesoli (2004) é o entendimento de tribo como referência à guetificação<sup>3</sup>, que, enquanto mecanismo de segregação e exclusão, foi gerada pela negação da “sociedade” (corporificada na ideia de Estado, Nação) que não garante mais a proteção e segurança de que os cidadãos necessitam. Nesse sentido, as pessoas se sentem abandonadas à própria sorte. Para esses autores, o conforto por uma existência segura passa a ser encontrada em outros meios, cabendo a cada um a tarefa de buscá-las. Daí que a temática do neotribalismo enquanto uma “necessidade de solidariedade e proteção”, característica de todo o conjunto social influenciada pela “estetização” da vida cotidiana que toma corpo na atualidade (MAFFESOLI 2004b; BAUMAN, 2004).

Nesse contexto, é dada uma importância ímpar à imagem. Ela contribui para a constituição de sujeitos que, incentivados pelo consumo (seja simbólico ou material), vivem à procura de modas, estilos e sensações

<sup>3</sup> Bauman distingue dois tipos de guetos: o “verdadeiro” (faz referência aos bairros étnicos e raciais espalhados pelas metrópoles do mundo inteiro, especialmente nos países desenvolvidos), “depósito de pobres, de casas de trabalhadores decadentes e grupos marginais de indivíduos” (2003, p. 108); e o “voluntário”, condomínios fechados com forte esquema de segurança interna. A diferença entre um e outro é que no primeiro os seus habitantes estão confinados, impedidos de sair pela sua condição social; no segundo os indivíduos optaram pelo “confinamento espacial e fechamento social”.

que a todo instante se modificam ou se reatualizam, na busca frenética pelo novo. São esses modos próprios de vivenciar a realidade que constituem a mola para as agregações sociais, principalmente pela busca de novos estilos.

### **Identities saturadas e ambivalentes**

O estilo para Maffesoli (1995) não só diz respeito a ritualizações, gostos estéticos e expressões artísticas, mas também se encontra nas práticas de linguagem, nas ideologias de um dado momento. O estilo demarca um modo próprio de viver e está ligado ao consumo, ao mercado, à produção. Revela a sociedade de uma época em que o homem só “é” quando faz parte de um grupo e exprime-se por imagens. Essas, por sua vez, são vetores de contemplação, de comunhão com os outros. Não pretendem o absoluto, colocam as coisas em relação.

Assim, para as tribos ou comunidades estéticas, a imagem e a aparência não possuem uma finalidade instrumental, é da ordem do lúdico, do onírico, da fantasia. Tanto para Bauman, como para Maffesoli, todos os elementos mundanos entram em interação. A profusão de imagens anuncia uma realidade menos utilitária, mais mística desencadeando uma religiosidade que contamina a vida social. É o retorno do *homo religiosus* posto que o indivíduo e a sociedade não se baseiam na distinção, mas na empatia com o outro, ligado a um conjunto de ideias e emoções comuns. Assim, as imagens simbólicas possibilitam uma “confiança mínima” que permite reconhecer a partir do reconhecimento do outro, seja esse “outro” um indivíduo, um espaço, um objeto, uma ideia etc. Seguindo tais premissas, pode-se inferir que o estilo se constrói de várias maneiras. É uma multiplicidade que pode ser explicada pela saturação do princípio da identidade e pela emergência de “identificações sucessivas” (MAFFESOLI, 1995).

Não há, portanto, formas estáveis. As pessoas entram e saem dos lugares constantemente assumindo o traje apropriado a cada espaço

que frequentam. “É uma sequência de conformismos cambiantes” (MAFFESOLI, 2005, p. 180). Desse modo o eu se define a partir de suas diversas interferências com o mundo circundante (outros indivíduos, situações diversas). O sujeito é um “efeito de composição”, diz Maffesoli (2005, p. 305). Nesse sentido, as relações são estabelecidas a partir de uma série de identificações, onde, de acordo com a oportunidade, cada pessoa reveste-se de uma máscara que exprime parte de si mesma.

Essa lógica da identificação se contrapõe à ideia de uma identidade fixa e estável (que se encontra saturada). Tal modo de compreender a identidade fixa prevalece na modernidade e denota uma visão teológica ou normativa do mundo que deve ser isso ou aquilo. Para Maffesoli (2005), há, em realidade, uma fragilização do eu que não pode mais ser definido. A individualidade, portanto, é incerta e flutuante, não é um dado definitivo, mas progressivo. Mudamos sempre e em diferentes direções.

Para fortalecer essa ideia de fragilização de identidade fixa de Maffesoli, aproximamos a ideia identidade cambiante, flexível e líquida de Bauman (2005). Para o autor a identificação também é um poderoso fator de estratificação e de diferenciação. Nesse sentido há um amplo leque de escolhas para os que se sentem à vontade para criar e desfazer de suas identidades de acordo com suas vontades. Mas, do outro lado há os que se veem “presos” em identidades determinadas por “outros”, das quais não conseguem se livrar. Surgem, então, identidades estereotipadas, estigmatizadas. Para Maffesoli (1998a) não há um universal abstrato a ser seguido. O simbólico possui sua própria lógica racional. Nela, a partilha com outros que fragiliza a identidade permite a emergência de um conjunto de referências que constituem redes que o autor chama de “centralidade subterrânea”. Neste modelo de racionalidade, ocorrem dois movimentos, o de abertura e o de fechamento. No primeiro ocorre a circulação entre os diferentes grupos e espaços em que a efervescência do cotidiano é uma de suas manifestações, o lúdico sua característica principal. O segundo, o fechamento, é o pertencer a um grupo, a um lugar onde se reúne e se reconhece no outro; pertence-se

a um lugar, mas não definitivamente: é um “enraizamento dinâmico” (MAFFESOLI, 2005).

Nessa direção Bauman (2005), ao apontar questões importantes no que diz respeito à temática da identidade/identificação, nos diversos aspectos que a envolve, adentra-se na ordem do indefinido, do incerto, do indeterminado, características que refletem um “ambiente de vida líquido-moderno, [onde] as identidades talvez sejam as encarnações mais comuns, mais aguçadas, mais profundamente sentidas e perturbadoras da *ambivalência*.” (BAUMAN, 2005, p. 38). Nesse sentido, a ambivalência se apresenta, de um lado, em um mundo em constante movimento e com uma infinidade de escolhas a fazer, em que não é possível falar em uma identidade estática, e do outro lado, temos a necessidade de encontrar ou criar grupos com os quais possamos nos “sentir em casa”.

Esse é o “caldo cultural e social” no qual nos encontramos inseridos e que é sentido mais de perto pelos jovens, enquanto segmento social que vivencia esse “fervilhar existencial”. Nele, a aparência, as imagens, os objetos permitem o compartilhar de emoções que se tornam vetores de sociabilidade. Se os símbolos indenitários são vastos, “experimentar” torna-se a tônica do momento. As pessoas que constituem as tribos (ensimesmadas, fechadas em torno de si mesmas, organizadas pela lógica do “segredo”) circulam de um grupo para outro na busca do exercício da “pluralidade de suas máscaras” (MAFFESOLI, 2004).

### **Ver... ser visto no contexto da teatralidade social**

No contexto do reconhecimento da pluralidade de máscaras sociais e identitárias trazemos para a discussão as formas “espetaculares de aparecimento” e a aparência como pivôs da vida social. A busca incessante do culto ao corpo, do prazer e do gozo, a valorização exacerbada da moda são as expressões da teatralidade trazida pela saturação das identidades.

Nesse sentido, a aparência torna-se causa e efeito de uma intensa atividade comunicacional, de uma “socialidade dinâmica” (MAFFESOLI, 2005), em que a acentuação da imagem, do corpo, conduz a um aparecimento-desaparecimento, ou seja, “sou visto”, “apareço”, “existio perante os outros”, e, em contrapartida, “desapareço” no “corpo coletivo”, me “perco” nele. Desse modo, a aparência revela menos uma individualidade e mais um coletivo. Para Maffesoli (2005, p. 177), a aparência social seria, assim, “objetividade habitada por subjetividades em constante interação”. Trata-se da espetacularização da existência, não mais restrita a ambientes fechados como teatros, casas noturnas, bares etc.; ela está no cotidiano das pessoas, presente no “mundo físico e social”.

Para Maffesoli, entretanto, não importa que na teatralidade da vida social a comunicação seja vazia de sentido. A televisão, por exemplo, diz ele, ecoa o que vem das massas; ela é espelho dos diversos narcisismos presentes na sociedade e não transmite um sentido preestabelecido, este é compartilhado, visto que há um “contexto interlocutivo comum” (MAFFESOLI, 1995, p. 82). Não há, portanto, para esse autor, a ausência de conteúdos significativos, e, em consequência, uma ausência de comunicação (tendo em vista que os indivíduos são passivos no processo de recepção). Há uma comunicação cujo objetivo é tocar o outro, seja direta ou indiretamente. Essa forma de comunicação é para Maffesoli a valorização do vivenciado, do próximo, do concreto. Apesar da imagem comercial que veicula a mídia, os objetos surgem como vetores de estética (fazem experimentar emoções, a de vibrar em comum). Cria-se uma nova ordem simbólica. Contudo, nela somos mais dominados que dominamos (pelo outro, pelo grupo, pelos “objetos” que acreditamos possuir), mais sujeitados que sujeitos, menos criador de imagens que forjado por elas. Nesse paradoxo em que se insere a realidade social, não há “sujeitos autônomos”, há indivíduos interdependentes. A partir de um vasto sistema simbólico em que partilhamos imagens, objetos e aparências, nos “desapossamos de nós mesmos ao sermos possuídos pelo outro” (MAFFESOLI, 2006, p. 33).

Nesses espaços de sociabilidade onde é possível sentir e experimentar em comum, os jovens em seus agrupamentos se apresentam como artistas, criadores, sujeitos. São, portanto, reconhecidos no meio em que vivem. Nos movimentos que realizam continuamente em direção à estima social, da valorização pelo que são e pelo que fazem encontra-se em jogo a importância dada ao presente, ao vivido, às coisas como elas são. Nesta lógica, há um “desligamento” dos imperativos político-econômicos e das identidades e a vida se desenrola nas pequenas relações do cotidiano. Buscam um ethos comum que se baseia especialmente na proximidade, no recuo do político. Criam um dinamismo renovado na sociedade (MAFFESOLI, 1998a) com “outra cara”, circulando de modo subterrâneo, fora dos modelos instituídos e estabelecidos pela modernidade. Seguindo os caminhos dessa sociabilidade cambiante e heterogênea o instante se torna único e eterno. As identidades se saturam.

### **À guisa de (in)conclusões: a incapacidade de pertencimento como fato gerador da emergência de identidades fluidas**

As discussões levantadas por Bauman e Maffesoli nos levam a concluir que entre os jovens a aparência e o espetáculo são elementos que promovem proximidade, ligação, comunhão com o outro/os outros. Pela necessidade de pertencer, os jovens criam laços, que, embora frágeis e movediços, os fazem experimentar e vibrar em comum. Nas fusões que realizam não criam uma identidade única e imutável. Esta se manifesta de forma cambiante e possui várias máscaras de acordo com o ambiente e as circunstâncias. Ao partilhar emoções e sensações os jovens revelam também e paradoxalmente a “artificialidade” da existência caracterizada pela efemeridade, pela “permanência do insignificante” (MAFFESOLI, 2005b, p. 48), pela finitude e tragicidade. Como espaços de troca e de circulação de afetos e paixões podem assim ser caracterizados?

Para Maffesoli (2003) todas as obras humanas possuem o selo da impermanência, sejam elas sociais, econômicas, culturais e até mesmo afetivas. Nesse sentido, a precariedade e a brevidade da vida se expressam pela intensidade com que tudo é consumido. Na verdade, diz ele, não há simples consumo, há uma grande e voraz consumação marcada pelo desejo de se querer as coisas e de forma imediata. Nessa busca intensa pelo prazer está, pois, a consciência da tragicidade da vida humana traduzida, dentre outras práticas, pelo culto ao corpo, a valorização do presente, a busca do supérfluo etc. Nessa cultura do prazer em que as situações são vividas com avidez (já que se esgotam no ato mesmo de existir), não há projeções para um futuro, já que este não é algo que se possa prever e dominar à nossa própria vontade.

Nessas circunstâncias vive-se como a realidade se mostra e não como deveria ser, fruto de desejos e projetos, às vezes impraticados. No cuidado com o presente há implícito e exteriorizado nas práticas sociais juvenis um modo de viver fluido. Muitas vezes, mesmo conscientes das dificuldades, há momentos de celebração que quebram a monotonia cotidiana, revelando, portanto, no dizer de Maffesoli (2003), um querer viver marcado por uma “sucessão de agoras”, uma “concatenação de instantes vividos”. Desse modo, o presente vivido, o cotidiano dos grupos e dos indivíduos em particular permitem o “conhecimento de si e o reconhecimento do outro” (MAFFESOLI, 2003, p. 58). E anuncia um paradoxo: viver no presente é viver a intensidade do trágico, posto que o fim é experimentado a todo momento.

Contudo, os jovens, mesmo marcados pela efemeridade das coisas, esta favorecendo o quietismo e a indiferença, incrustados em uma outra lógica, não mais unicamente dominados pela casualidade, linearidade da vida social (esta outra forma de viver caracterizada pela suspensão, abstenção e negação de si mesmo e do outro), não vivem sob a ordem da passividade. “Gastam” energia de outros modos, em situações que vão além da perspectiva utilitária das ações. São “movidos” pela busca do prazer vivido no cotidiano, na vida do bairro, nas amizades que cultivam, nas relações amorosas, nas inú-



meras festas das quais participam, nos “transes” coletivos oferecidos pela religião, nos eventos esportivos, musicais, dentre outros tantos exemplos (MAFFESOLI, 2003).

Em contraponto, Bauman (2007) não parece ter uma visão muito otimista da sociedade atual, caracterizada por ele como “líquido-moderna”. Nessa, a forma de vida que predomina é uma “vida líquida”, marcada pela precariedade e incerteza constantes. Trata-se também de uma vida de consumo, onde se vive no presente e pelo presente. A busca para obter satisfação torna-se uma constante, não havendo espaço para inquietações, senão aquilo que pode ser vivenciado e consumido de modo instantâneo. Para Bauman não está em questão apenas a busca por sensações. Nos modos de vida atuais, valores, visões de mundo e concepções acerca dos caminhos que se deve percorrer, e as formas de fazê-lo, demonstram uma sociedade em que os indivíduos estão insatisfeitos consigo mesmos. Desse modo, viver numa sociedade de valores cambiantes, hedonista e despreocupada com o futuro não é um “privilégio” de todos. Praticar a “vida líquida” com suas inovações, instabilidades, incertezas e hibridismos são para aqueles(as) que estão no “topo da pirâmide do poder global” (BAUMAN, 2007, p. 10). São estes que se movimentam com rapidez, possuem uma rede de possibilidades a seu dispor, convivem com a indeterminação, a falta de direção etc. Cabe aos demais se adaptarem às novas “regras do jogo”, já que participar do mesmo não se trata de uma escolha própria – não há como ficar de fora. Embora as oportunidades se diferenciem e sejam desiguais a princípio, Bauman (2001) anuncia que vivemos numa sociedade marcada pela precariedade, insegurança e incerteza. Tais fatores promovem a necessidade da satisfação imediata enquanto estratégia de sobrevivência. Adiar o prazer não é um bom “negócio”, já que não se sabe o que virá no dia seguinte. Serão dadas as condições para o usufruto dessa satisfação adiada? Terá o mesmo “sabor”? Será tão atraente? Não se tornará obsoleta, fora de moda ou de propósito? Diante de condições precárias de vida, aprendemos a descartar facilmente as coisas. Não temos paciência para consertar o que está danificado, inclusive as rela-

ções entre as pessoas. Somos rápidos e trocamos as “peças” que já não nos servem mais.

Nesse sentido, se não há futuro, a palavra de ordem do momento é viver o “agora”, aproveitar as oportunidades que surgem. Perdê-las é algo imperdoável. Por isso, diz Bauman (2001), os compromissos devem ser leves e fluidos, para não se perder muito tempo, e se tornam coisas a serem consumidas até o momento em que estão gerando satisfação. A existência social para esse autor transforma-se, portanto, em produtos para serem digeridos de imediato, o que pode gerar intolerância às pessoas e/ou coisas que não se tornam mais relevantes para a satisfação do desejo em voga.

Contudo, e especialmente entre os jovens, viver o presente não indica negação de projetos futuros. Entretanto, as incertezas e insegurança quanto a eles afetam sobremaneira os jovens cuja origem social traz a marca da precariedade. Vivenciar momentos prazerosos com seu grupo, para muitos deles, torna-se possivelmente uma maneira encontrada para driblar as indeterminações que experimentam em seus cotidianos.

Assim, são a ambivalência, a contradição, a incerteza e a insegurança modos convergentes pelos quais os autores aludidos neste tópico (BAUMAN e MAFFESOLI) veem a realidade atual. Divergem, contudo, nas conclusões que delas extraem, ou seja, onde o primeiro vê enfraquecimento e decomposição dos laços humanos, o segundo aponta novas possibilidades de sociabilidade, um novo jeito de estar junto. Nessas distintas formas de pensar a vida estão os jovens: nem de um lado, nem de outro, mas de um lado e do outro também, ou seja, vivenciando as contradições apresentadas, sem, contudo, apontar o certo ou o errado.

Na diversidade que se constitui a juventude atual não é possível desconsiderar sua propulsão em se encontrar em torno da música, dos esportes, nos divertimentos coletivos, no âmbito de um estilo de vida, ou seja, através do mundo da cultura e da estética, que se tornam importantes espaços de construção de identidades partilhadas.

## Referências

- ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo, SP: Escrita, 1994.
- ÁRIES, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- \_\_\_\_\_. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- \_\_\_\_\_. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- \_\_\_\_\_. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- \_\_\_\_\_. *Vida líquida*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- CARRANO, Paulo César Rodrigues. *Juventude e cidades educadoras*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- CANEVACCI, Massimo. *Culturas extremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- DAYREL, Juarez. *A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- MAFFESOLI, Michel. *A contemplação do mundo*. Tradução de Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.
- \_\_\_\_\_. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades*. Apresentação de Luiz Felipe Baeta Neves; trad. de Maria de Lourdes Menezes. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1998.
- \_\_\_\_\_. *O instante eterno*. Tradução de Rogério de Almeida e Alexandre Dias. São Paulo: Zouk, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Notas sobre a pós-modernidade: o lugar faz o elo*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Atlântica, 2004.
- \_\_\_\_\_. *No fundo das aparências*. Tradução de Bertha Halpern Gurovitz. 3ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005a.
- \_\_\_\_\_. *O mistério da Conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e sociedade*. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005b.

\_\_\_\_\_. O retorno das emoções sociais. In: SHULER, Fernando; SILVA, Juremir Machado da (Orgs.). *Metamorfozes da Cultura Contemporânea*. Porto Alegre: Editora Sulmia, 2006.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Os circuitos dos jovens urbanos*. Tempo social, São Paulo, v. 17, n. 2, nov. 2005. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20702005000200008&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702005000200008&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: abr. 2007.

PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. *Revista Brasileira de Educação*. Juventude e Contemporaneidade, São Paulo, ANPED, 1997.

SPOSITO, Marília P. *Estado do conhecimento: juventude*. Brasília: INEP, 2000.